

## PERSPECTIVAS PASTORAIS DE PUEBLA PARA AS REGIÕES DE MISSÕES

D. Henrique Froehlich \_\_\_\_\_

"The new situations of the missions" are based on the fact of the diversification of "the cultural groups". This diversification requests a diversified pastoral, in order to integrate culture and evangelization. Puebla tries to give an answer to this problem in a global form considering the Church-Communion, the Church-service and the Church-missionary.

D. Henrique Froehlich, bispo de uma das "regiões de missões" mais significativas do Brasil (Prelazia de Diamantino, MTN), analisa as perspectivas pastorais de Puebla para essas regiões, de contexto sócio-cultural tão distinto e de exigências tão peculiares para a evangelização. Partindo da impressionante realidade dos "grupos culturais" latino-americanos, ilustrando-a com dados de grande interesse, elucida de maneira especial as "novas situações missionárias" emergentes e as demandas dessas situações de uma pastoral mais diversificada, de uma promoção mais ampla e discernida da aculturação e de princípios de integração da cultura e evangelização. O problema da aculturação adquire nesse contexto uma relevância central e decisiva para toda a ação da Igreja. Puebla, no entender do autor, embora de forma global e abrangente, responde satisfatoriamente a essas demandas sobretudo em suas concepções fundamentais de Igreja-comunhão, de Igreja-serviço e de Igreja missionária.

Se quisermos captar devidamente as perspectivas pastorais de Puebla para as regiões de missões é importante, em primeiro lugar ter presente o con-

texto peculiar dos grupos culturais sul-americanos a que se refere, as novas situações missionárias que se estão formando nesse contexto e suas de-

mandas próprias aos Episcopados. Só assim poderemos apreender a resposta de Puebla em seu devido contexto e compreendê-la em seu justo significado. Tratemos pois, de imediato e sem preâmbulos, do primeiro ponto ou seja dos grupos culturais latino-americanos.

### Grupos culturais

Há na América Latina aproximadamente 36 milhões de indígenas, com os mais variados costumes, tradições, línguas e religiões.

Só o fator lingüístico os divide em mais de 600 grupos, cada qual com sua própria língua (dado do levantamento efetuado por Juan Gorski - DMC).

A metade desses grupos vivem na região amazônica; respectivamente na região tropical do Brasil, da Bolívia, Peru, Colômbia, Venezuela e Equador. Mas nessa região esses grupos são minoritários; sua população total mal alcança os dois milhões de indígenas.

Em diversos países, no entanto, a população indígena representa contingentes enormes e elevada parcela da população total. Assim no México a população indígena é de 14.000.000; de 3.800.000 na Guatemala; de 3.000.000 no Equador; de 9.400.000 no Peru e, de 3.500.000 na Bolívia. Em percentagens representam mais de 20% da população do México; 40% do Equador e mais de 50%

da Bolívia, do Peru e da Guatemala. Portanto, mais de 10% dos "latino-americanos" são indígenas.

Um grupo ainda mais numeroso dos habitantes da América Latina é o de ascendência afro-americana. Só os afro-americanos constituem uma população que vai de 65 a 75 milhões de habitantes ou seja mais ou menos 20% da população total do continente. Por si só poderiam constituir uma grande nação.

Além dos indígenas e dos afro-americanos há ainda a população orçada em 5.000.000 de ásió-americanos, dos quais o maior contingente vive no Brasil. Muitos desses asiáticos mantêm suas próprias religiões tradicionais de origem (Islam, Budismo, Chintoismo, Hinduismo, etc.). Novas religiões ecléticas de origem asiática vigem também entre os mesmos e são propagadas na América Latina. Também os ásió-americanos representam uma população igual ao de muitos países latino-americanos, pois mais da metade deles não somam mais de 5 milhões de habitantes.

Além destes há ainda outros grupos culturais menores de diversas procedências e etnias que, em razão de sua identidade cultural, vivem numa situação de missão. Alguns desses grupos vem solicitando ultimamente à CNBB um acompanhamento especial e um atendimento mais eficaz.

24-79

Muitos dos grupos acima enunciados, especialmente os indígenas e afro-americanos, vivem em condições de extrema pobreza e marginalização: são os mais pobres dos pobres da América Latina.

O desconhecimento da situação e das condições peculiares desses povos, dos seus problemas humanos, sociais e religiosos e em particular da sua marginalização na sociedade latino-americana, constitui uma das interpelações mais graves à Igreja em nosso continente.

#### Novas situações missionárias

Nem todas as situações missionárias brotam unicamente da particularidade cultural dos povos. Verificam-se também novas situações missionárias que se originam das múltiplas mudanças sociais no continente. Em especial, da migração.

Milhões de latino-americanos são considerados atualmente como migrantes. Essas migrações entrecruzam-se nas mais variadas direções: dos campos às cidades (fenômeno ligado à precariedade da vida no interior que esvazia os campos e infla as grandes cidades, gerando problemas sem conta e quase insolúveis; cidades como a do México, a continuar esse fluxo migratório, poderão ter, no fim do século, aproximadamente 40 milhões de habitantes); do litoral para o interior (só no Brasil e nos últimos cinco anos mais de 500 mil internaram-se para o

interior amazônico); de um país a outro (só a Argentina conta com 600 mil bolivianos, 500 mil urugaios, 550 mil chilenos, 700, mil paraguaios e 200 mil brasileiros). Mais grave ainda é a migração para países de cultura e língua diversas como a que se verifica do México, do Porto Rico e outras repúblicas latino-americanas aos Estados Unidos. Na América Latina só 4 países de língua espanhola superam os 15.000.000 de "chicanos", porto-riquenhos e outros hispano-americanos que emigraram aos Estados Unidos e falam o espanhol.

Outras situações missionárias são determinadas pela instabilidade religiosa, em geral devida a uma insuficiente evangelização. Boa parte de nosso povo tem uma precária formação religiosa e com isto uma frágil adesão da fé e débil senso de pertença à sua religião. As seitas proselitistas atraem dessarte grande número de adeptos.

O próprio processo da secularização e a conseqüente indiferença religiosa, que não raro dele resulta, cria novas "situações missionárias" também nos setores mais evoluídos da sociedade. Esse processo atinge de maneira especial os grupos de influência e os que detem o poder na sociedade. Numerosas conferências episcopais vêm se manifestando no sentido de ver nessas áreas específicas da sociedade novos setores a serem considerados como missioná-

rios a serem especialmente evangelizados.

#### **Demandas dos setores missionários a Puebla**

Os setores missionários necessitam, em primeiro lugar, de uma pastoral específica e diversificada, adaptada às diversas situações culturais do nosso continente. E isto corresponde ao que diz Paulo VI na "Evangelii Nuntiandi": "A ruptura entre o Evangelho e a cultura é sem dúvida o drama da nossa época, como o foi também de outras épocas. Assim, importa envidar todos os esforços no sentido de uma generosa evangelização da cultura, ou mais exatamente das culturas. Estas devem ser regeneradas mediante o impacto da Boa-Nova. Mas um tal encontro não virá a dar-se, se a Boa-Nova não for proclamada."

Exemplifiquemos um pouco mais o conceito de cultura. A cultura é a maneira concreta pela qual os grupos humanos expressam sua vitalidade. As culturas se desenvolvem na história dos povos; nascem de experiências concretas e vitais; traduzem-se em experiências objetivas e sensíveis e se transmitem por processos sociais que interiorizam e comunicam suas normas e valores. As ciências humanas representam um instrumento indispensável para compreender mais profundamente as culturas. Mas a pesquisa, a análise e interpretação

dos elementos mais profundos da cultura de um grupo humano são igualmente indispensáveis para apreender as raízes profundas, as causas e motivações de suas expressões culturais mais imediatas (assim, por exemplo, a pesquisa, análise e interpretação das lendas e mitos dos grupos e povos indígenas).

A "Evangelii Nuntiandi" diz que "o Evangelho e por conseguinte a evangelização não se identifica com nenhuma cultura", mas ao mesmo tempo que "não se incompatibiliza com ela, mas é capaz de impregnar a todas as culturas, sem submeter-se no entanto a nenhuma delas" (EN, 20). Em outras palavras, isto quer dizer, que as próprias culturas já encerram algo do próprio Evangelho, sementes do evangelho (semilia verbi). Isto quer dizer a mais que, na vivência humana que se traduz na cultura, já se manifesta uma certa presença e ação de Deus: Cristo nos precede na evangelização das culturas. A evangelização da Igreja deve corresponder a essa ação de Deus no coração dos homens e de suas culturas, levando-os ao conhecimento do Deus que já lhes é próximo e a Ele aderir livremente em suas consciências e coração.

O encontro das culturas com a Boa-Nova se realiza através de um processo que implica em certos elementos básicos:

- a aproximação a um povo e a seus valores;
- o discernimento das diversas experiências, expressões e processos culturais, do ser humano que busca a Deus e cuja busca é dificultada pelo pecado pessoal e social;
- o anúncio da Boa-Nova do Deus vivente e misericordioso que está próximo e chama os homens, desde seu conteúdo particular à conversão, à vida nova, à comunhão;
- a assimilação, na vida pessoal do homem e coletiva de um povo, pela qual faz sua a mensagem;
- a nova expressão de fé em sua mensagem, em seus símbolos e em seus valores próprios.

Assim, pela força do Evangelho, nasce a Igreja numa cultura. Esta Igreja nasce com rosto próprio - a face da cultura - cresce em sua própria vitalidade, fornece seus próprios ministros, torna-se capaz de comunicar a outros a sua própria experiência de Cristo. Teremos, assim, uma Igreja local como encarnação da Igreja universal. Quanto mais autêntica for a penetração do Evangelho nas diversas culturas, tanto mais clara será a expressão da Igreja universal, e mais vivo seu dinamismo missionário.

Uma segunda dimensão da demanda missionária é a de que

a evangelização seja libertadora, ou seja que responda às situações de injustiça em que vivem a maior parte dos grupos étnicos, em regiões missionárias.

Uma terceira, é a de que a mensagem seja capaz de responder às específicas condições culturais dos povos a serem evangelizados.

Finalmente, a de uma Igreja, mais definida na sua identidade apostólica e missionária:

- uma Igreja mais orientada para os pobres;
- uma Igreja mais dinâmica, mais otimista, autêntica;
- uma Igreja efetivamente livre, no seu anúncio evangélico, em face dos pobres deste mundo;
- uma Igreja que nasça do coração de cada povo, de cada cultura, com sua vitalidade própria;
- uma Igreja, sem fronteiras, aberta às oportunidades missionárias em nosso continente e no mundo inteiro.

#### A resposta de Puebla

Vejamos até que ponto a III Conferência dos Episcopados latino-americanos de Puebla respondeu a essas demandas missionárias.

Devemos dizer, para satisfação de todos os que estão particularmente empenhados no apostolado das Regiões de Missões, e para a promoção da atividade missionária:

- que o tema "evangelização e culturas" foi aprovado unanimemente;
- que Puebla optou por uma **Igreja-Comunhão**, Igreja sacramento de comunhão/, que, num momento histórico marcado por tantos conflitos, busca a reconciliação e a unidade solidária dos nossos povos;
- que optou por uma **Igreja a serviço** de todos os homens, que prolonga através dos tempos o ministério de Cristo, o Servo de Javé, exemplo de serviço a todos os homens, que a Igreja traduz mediante os diversos carismas, em seus múltiplos ministérios;
- que optou por uma **Igreja-Missionária**, que anuncia a todo homem do nosso tempo, seja ele branco ou indígena, de ascendência africana ou asiática, a sua imensa e igual dignidade de filho de Deus em Cristo e que para promover concretamente essa dignidade, cercada de todos os direitos que dela emanam,

se compromete com a libertação do homem todo e de todos os homens e promove essa libertação em profunda solidariedade com a missão apostólica da Igreja universal e em íntima comunhão com o Sucessor de Pedro.

Estas opções fundamentais da III Conferência dos Bispos latino-americanos visam provocar, em nosso continente, um processo permanente de evangelização de uma Igreja que evangeliza e ao mesmo tempo se evangeliza, que escuta, dá testemunho, proclama, aprofunda, celebra, encarna a palavra de Deus, Jesus Cristo e seu Evangelho na vida dos nossos povos, ajudando-os a construir uma nova sociedade, denunciando as situações de pecado, chamando a todos à conversão e ao compromisso com uma eficaz ação transformadora das estruturas, para que dessa ação brote uma civilização nova, segundo o desígnio de Deus, a salvação de Cristo e a ação do seu Espírito: uma Civilização de Amor.